Caderno de Leituras n.169 | 2023

Carta a Linda Smith

Letter to Linda Smith

Txioiana Minxux

Tradução Translation Mariana Lage

Nota dos editores

Esta carta foi escrita durante a disciplina “Pesquisa e Intervenção”, oferecida pelo professor Paulo Maia para a turma de Ciências Sociais e Humanidades da Formação Intercultural para Educadores Indígenas (Fiei), na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Nessa disciplina os estudantes leram alguns capítulos do livro *Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas* da antropóloga maori Linda Smith publicado em 1999 e traduzido para o português em 2012 pela Editora UFPR. Agradecemos a Paulo Maia por ter proposto a publicação e a Txioiana Minxux por ter aceitado.

Editor's Note

This letter was written during Professor Paulo Maia's seminar "Research and Intervention" for the Social Sciences and Humanities class of Intercultural Training for Indigenous Educators (Fiei), at the Faculty of Education of the Federal University of Minas Gerais. In the seminar, the students read chapters from the book *Decolonizing Methodologies: Research and Indigenous Peoples* by Maori anthropologist Linda Smith, which was published in 1999 and translated into Portuguese by the UFPR Publisher in 2012. We thank Paulo Maia for suggesting the publication and Txioiana Minxux for agreeing to it.

Querida Linda Smith,

Eu me chamo Txioiana Minxux, sou indígena da etnia Pataxoop. Moro em uma pequena aldeia, talvez a menor aldeia Pataxoop: o seu nome é Muã Mimatxi, que significa "pequena moita de mata". O meu nome também tem um significado muito especial: Txioiana Minxux significa "folha da Patioba", uma folha que faz parte da história do meu povo Pataxoop, que usamos para fazer nossa culinária tradicional e que servia como uma ferramenta de contato dos nossos antigos nas grandes florestas. No meu território, a pequena aldeia, vivem apenas parentes, somos uma grande família. Tenho uma linda filha que se chama Yamihey, que significa "espírito de mulher". Sou casada, tenho junto a mim em todos os momentos a minha mãe, Dona Liça Pataxoop, como é conhecida. Ela é uma liderança das mulheres e mostra a força e a resistência que tem a mulher indígena. Tenho também o meu pai, Kanatyo Pataxoop, um grande inspirador, que me ensina os valores da vida e da nossa cultura. Vivemos na união de família e comunidade.

Meu povo é o Pataxoop, povo que surgiu das águas: sua origem é o primeiro pingo de chuva que se misturou com a terra. O primeiro Pataxoop que existiu foi o Topá. Até hoje trazemos conosco a nossa ancestralidade, tradições, costumes, rituais e cultura. Temos conosco a nossa origem e memória. Meu povo faz os nossos rituais: Kunã'ã Xeka é

o ritual de renovação nossa e de toda a natureza, e a chegada das águas; Kunã'ã Bay é o ritual de agradecimento às águas por tudo que ela nos deu. Também fazemos jogos interculturais familiares. Tudo isso faz parte da minha ancestralidade Pataxoop. Meu povo é um povo muito guerreiro, somos um dos primeiros povos a terem contato com os portugueses. A partir daí, de todas essas histórias, o povo Pataxoop veio pra Minas Gerais e aqui estamos nós na pequena aldeia Muã Mimatxi.

Eu sou uma jovem que também luto pela minha aldeia, pelas minhas crianças. Atualmente faço faculdade na Universidade Federal de Minas Gerais, e busco representar e apresentar a minha aldeia. Não piso lá só por mim ou pelo meu crescimento, mas sim por todo o meu povo. Sempre estou presente nas atividades de minha aldeia, nas lutas pela melhoria da saúde e também da nossa educação, que deve ser reconhecida e valorizada. Por meio do nosso ensino e currículo específicos, podemos mostrar que a nossa educação transforma e inova. Sou indígena, mulher, mãe, professora há quatro anos, sou Pataxoop e sou resistência. Gostaria de contar aqui um pouco das minhas ideias sobre minha pesquisa.

Para começar, gostaria de contar uma pequena história. Meu pai sempre foi um indígena que lutou muito pelo reconhecimento e pela escola indígena em Minas Gerais. Desde quando eu era bem pequena, quando ainda não morava na minha atual aldeia, observava a luta do meu pai, e sempre sentia a sua falta quando ele saía para as lutas. Ele sempre quis ter uma educação que servisse para nós, uma educação que fosse nossa e passada por nós. Desde criança eu acompanhava o meu pai nas aulas que ele ia dar na escola, que naquele tempo era debaixo das árvores. Eu me lembro que, quando comecei a estudar, ele me dava aula e eu dizia que queria ser como ele. Quando viemos para Muã Mimatxi, começamos estudando novamente debaixo das árvores. Com muita luta das lideranças, que eram meu pai, minha mãe e meu irmão, conseguimos uma escola para a minha aldeia, com professores indígenas. A Escola Estadual Indígena Pataxó Muã Mimatxi foi fundada em 2006, e em 2010

tivemos a construção do prédio escolar. Aqui na nossa aldeia, e desde quando eu estudava, não ficamos apenas atrás das paredes: usamos os espaços compartilhados também para fazer as salas de aula, nos kuxex (Casas de Ritual), debaixo das árvores, e no próprio território perto da escola. As nossas crianças e jovens até preferem ir para esses espaços que são compartilhados, e esse é um dos nossos jeitos de dar aulas nos espaços da aldeia. Foi também pela história de luta e de resistência que chegamos no currículo da nossa escola: temos o currículo com matrizes tradicionais culturais, como uso do território, cultura Pataxoop, saberes tradicionais etc.

Contando sobre essa história de inspiração e luta, pela valorização que sempre damos ao nosso modo de ensino, e também por meio da sabedoria de meu pai, pensei em realizar uma pesquisa: "A Educação da vida para Escola, uma educação específica de Muã Mimatxi". Essa é uma ideia de pesquisa que pretendo fazer nos últimos dois anos que tenho pela frente na faculdade. Como disse antes, a nossa escola hoje tem o seu próprio modo e jeito de ensino e as matrizes que devem existir nas escolas indígenas. Quero nessa pesquisa mostrar as ideias de que devemos trazer para escola esse ensino da vida, da terra, da natureza, do território, do povo e da ancestralidade para assim construirmos um ensino que vem a partir dos nossos princípios de vida.

Quero trazer para minha pesquisa o nosso jeito de ensinar e avaliar, mostrar a cara da educação que devemos falar que é nossa. Quero mostrar e trazer de alguma forma as estratégias mobilizadoras que temos na escola. Entre as principais metodologias aplicadas na escola de Muã Mimatxi está, por exemplo, alfabetizar cantando, porque assim a música trabalha com a aprendizagem das crianças e, de forma leve, estabelece um diálogo intercultural entre vários campos de conhecimento. E também têhêys, desenhos que são metodologias específicas da nossa

escola, um material de conhecimento e escrita que proporciona vários tipos de produção.[1]

Minha ideia principal é falar das formas de avaliação empregadas especialmente na escola de Muã Mimatxi, na nossa escola, para acompanhar o desenvolvimento e a curiosidade dos estudantes. Fazemos as nossas avaliações acompanhando o ensino e a aprendizagem dos alunos: são avaliações para servir e auxiliar o aprendizado das nossas crianças e jovens, elas têm que ser um instrumento que dá luz ao conhecimento da criança. Com esse propósito, as propostas das avaliações vieram a partir do pensador, professor e cacique Kanatyo Pataxoop, e foram passadas pela nossa educação escolar indígena do povo de Muã Mimatxi.

Na escola da aldeia, existem sete modelos de avaliação: Começo de conversa, Prática de cada dia, Festival de produção e reflexão, Rendimento e produção individual, Trabalho de produção coletiva, Relato do aprendizado e Percurso percorrido. As avaliações são modelos norteadores que compõem o processo de ensino-aprendizagem.

Avaliação: Começo de conversa

A avaliação Começo de conversa é a apresentação do estudante, quando ele faz um relato da sua vida e da sua experiência escolar, e o professor passa a conhecer melhor a trajetória de vida e o aprendizado do estudante com sua família, na comunidade ou na escola com outra turma. Essa avaliação é uma forma de o professor conhecer quem é o estudante que está chegando, o que ele pensa, os valores que traz, a sua maneira de ser

1 Sobre os têhêy – em setembro de 2023, no âmbito da Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFMG, D. Liça e Saniwê, com a parceria do prof. Paulo Maia, ministraram o curso: "O clima da educação e das artes em Muã Mimatxi: imagem e oralidade para enfrentar a monotonia, a monocromia e a monocultura", que tinha como parte da ementa "uma incursão guiada pela 'escrita condensada' dos têhêy", um estudo dessas "imagens que ensinam sem a escrita de palavras, somente pela oralidade, a 'ciência da terra'". Para saber mais sobre os Saberes Tradicionais da UFMG, acesse: https://www.saberestradicionais.org [N.E.]

e viver no mundo, seus sonhos, habilidades e dons. É para conhecer o que ele traz na sua bagagem de vida e que lhe servirá como base para sua aprendizagem. Essa avaliação também é para o professor saber por onde começar e planejar o percurso a ser percorrido pelo estudante durante o seu trajeto de vida escolar. Nessa avaliação, os estudantes desenvolvem diferentes trabalhos e atividades, como por exemplo: o estudante produz um texto ou um têhêy apresentando e contando quem ele é; faz uma narrativa oral e escrita da sua experiência de vida escolar ou familiar; produz um têhêy ou um texto apresentando a vida da sua família na comunidade. Os professores e os estudantes também podem pensar noutras formas para apresentar e falar da sua história de vida, sua experiência na escola e na comunidade. Esse é o modelo de uma das avaliações implantadas na escola de Muã Mimatxi.

É muito importante a valorização da nossa educação e do nosso currículo, e possibilitar que outras pessoas olhem para nosso modo de ensino, vindas tanto das escolas de fora quanto também das escolas de outras aldeias. Essa pesquisa traz uma educação e uma forma de ensino que dão importância para a relação com o território, e da comunidade com a vida escolar. Essas relações são essenciais para o fortalecimento da educação escolar indígena. É muito importante que a escola sempre esteja ligada à vida e também aos interesses da comunidade, educando para garantir esses interesses. Essa pesquisa também traz o ensino-aprendizagem do nosso jeito, como ele deve ser feito em nossas escolas, e que devemos lutar pelo nosso ensino específico.

Somos professores e professoras capazes de ensinar, lutar pelo nosso currículo e matrizes que inovam e ensinam. Um ensino inovador que transforma por meio da escola, da natureza, da vida, do território e da ancestralidade. Um ensino da vida e da cultura. Um ensino vivo que não só aprende na escrita do papel. A educação escolar indígena não precisa

apenas seguir as diretrizes do ensino padrão. Nossa escola tem um grande potencial e uma imensidão de conhecimento.

Por esse motivo, cara sra. Linda Smith, escolhi esse título e trabalho de pesquisa – "A Educação da vida para Escola, uma educação específica de Muã Mimatxi". Escolhi por poder falar com autonomia hoje de uma educação que no meu tempo de criança não era valorizada nem reconhecida, e hoje posso ver a minha aldeia levando adiante a educação que inova e transforma. Uma educação que desata os nós de uma educação colonizadora por muito tempo.

Carta de Txioiana Pataxoop para Linda Smith,
em 17 de maio de 2023.

Dear Linda Smith,

My name is Txioiana Minxux, I am a Pataxoop native. I live in a small community, possibly the smallest village Pataxoop: its name is Muã Mimatxi, which means “small bush of forest”. My name also has a very special meaning: Txioiana Minxux means “Patioba leaf”, a leaf that is part of my Pataxoop people’s heritage, which we used to make our traditional cuisine, and which functioned as a contact tool for our ancients in the great forests. Only relatives live in my territory, the small village; we are a vast family. I have a beautiful daughter named Yamihey, which means “woman’s spirit”. I am married, I always have my mother with me, Dona Liça Pataxoop, as she is known. She is a leadership for the women and exemplifies indigenous women’s strength and resistance. I also have my father, Kanatyo Pataxoop, who is a great inspiration and educates me about the values of life and our culture. We live in the union of family and community.

My people are the Pataxoop, a people that arose from the waters: our origin is the first drop of rain that mixed with the earth. Topah was the first Pataxoop to exist. We continue to bring our ancestry, traditions, customs, rituals, and culture to this day. We carry our origins and memory with us. My people do our rituals: Kunã’ã Xeka is the ritual of our regeneration and the renewal of all nature, as well as the arrival

of waters; Kunã'ã Bay is the rituals of thanking the waters for everything she has given us. We also play family intercultural games. All of this is part of my Pataxoop ancestry. My people are fierce warriors, and we are one of the first people to have contact with the Portuguese. From there, from all these stories, the Pataxoop people migrated to Minas Gerais and here we are in the small village Muã Mimatxi.

I am a young woman who also fights for my village and for my children. I am currently an undergraduate student at the Federal University of Minas Gerais, and I seek to represent and present my village. I am not there just for myself or for my own growth, but for all my people. I am always present in my village's activities, in the fights for health improvement as well as for a better education, which must be recognized and valued. Through our specialized teaching and curriculum, we can show that our education evolves and innovates. I am an indigenous woman, a mother, a teacher for past four years, I am Pataxoop and I am resistance. I would like to tell you a little bit about my research ideas.

To begin, I would like to tell you a little story. My father has always been an indigenous man who fought a lot for recognition and for the indigenous school in Minas Gerais. I have been seeing my father's struggle since I was a child, when I didn't reside in my current village, and I constantly missed him when he went out to the fights. He had always wished for an education that served us, an education that would be ours and passed down by us. Since I was a child, I used to accompany my father to the classes he was going to offer at the school, which was then under the trees. I remember that when I first started studying, he gave me lessons, and I told him I wanted to be like him. When we came to Muã Mimatxi, we resume our studies under the trees. We secured a school for my village with indigenous teachers after a lot of struggles from the leaders, who were my father, my mother, and my brother. The Indigenous State School Pataxó Muã Mimatxi was founded in 2006, and the school building was completed in 2010. Here in our village, and since I studied,

we have not simply been behind the walls: we also use the shared spaces as classrooms, in the kuxex (Ritual Houses), under the trees, and in the very territory near the school. Our children and young people even prefer to go to these shared spaces, and this is one of the ways we teach in the village spaces. We also arrived at our school's curriculum via the history of struggle and resistance: we have the curriculum with traditional cultural matrices, such as the usage of the land, Pataxoop culture, traditional knowledge, and so on.

Telling about this story of inspiration and struggle, through the appreciation that we always give to our way of teaching, and with the wisdom of my father, I thought of conducting a research: "Education of Life for School, a Muã Mimatxi Specific Education". That's a research idea that I intend to pursue throughout my final two years of college. As I said before, our school now has its own teaching approach and style of teaching, as well as the matrices that must exist in indigenous schools. In my research, I want to demonstrate that we should bring this teaching of life, of the earth, of nature, of territory, of people and of ancestry to school in order to develop a teaching that stems from our life's principles.

I want to bring our way of teaching and evaluation to my research, to show the face of education that we should talk about and that is ours. I want to demonstrate and somehow bring the mobilizing strategies that we use at our school. Among the main methodologies applied in Muã Mimatxi's school is, for example, literacy by singing, because music works with children's learning and, gently, establishes an intercultural dialogue between many domains of knowledge. Also included are têhêys, drawings that are specific methodologies of our school, a material of knowledge and writing that produces a variety of output.[2]

2 About the têhêys – in September 2023, within the framework of UFMG' Transversal Training in Traditional Knowledge, D. Liça and Saniwê, in collaboration with Prof. Paulo Maia, taught the course "The Climate of Education and the Arts in Muã Mimatxi: Image and Orality to Face the Monotony, Monochromia and Monoculture", which included as part of its syllabus "an incursion guided by the 'condensed writing' of

My main idea is to talk about the forms of evaluation used especially in Muã Mimatxi school, our school, to follow the development and curiosity of the students. We conduct assessments based on the students' teaching and learning: they are evaluations to serve and aid the learning of our children and young people; they must be an instrument that gives light to the knowledge of the child. For this purpose, the evaluations proposals came from the thinker, teacher, and chieftain Kanatyo Pataxoop, and were transmitted through our indigenous school curriculum of Muã Mimatxi people.

In the village school, there are seven evaluation models: Beginning of Conversation, Everyday Practice, Production and Reflection Festival, Individual Performance and Production, Collective Production Work, Learning Report and Path Taken. Evaluations are guiding models that make up the teaching-learning process.

Evaluation: Beginning of Conversation

The Beginning of Conversation evaluation is a student's presentation in which he reports on his life and school experience, and the teacher learns more about the student's life trajectory and learning with his family, in the community or in the school with another class. This evaluation allows the teacher to learn about who the student is, what he thinks, the values that he brings, his way of being and living in the world, his dreams, skills, and gifts. It is to know what he takes with him in his life baggage, and that will serve as the foundation for his learning. This evaluation is also for the teacher to know where to begin and how to plan the route to be taken by the student during his school life path. In this evaluation, students develop different works and activities, such as: the student produces a text or a

the têhêy", a study of these "images that teach without the writing of words, but with orality, the 'science of the earth'". To learn more about the UFMG Traditional Knowledge, visit: https://www.saberestradicionais.org [N.E.]

têhey presenting and telling who he is; makes an oral and written narrative of his school or family life experience; produces a text or têhey presenting the life of his family in the community, etc. Teachers and students can also think in other ways to present and talk about their life story, their experience at school and in the community. This is the model of one of the evaluations implemented in Muã Mimatxi's school.

It is very important to value our education and our curriculum, as well as to allow others to see our teaching methods, both coming from outside schools and from schools in other villages. This research shows an education and a form of teaching that give importance to the relationship with the territory as well as the relationship between the community and the school life. These relationships are essential to the strengthening of indigenous school education. It is critical that the school remains connected to the life and interests of the community, educating to assure these interests. The research also demonstrates our approach of teaching-learning, as it should be done in our schools, and the need of fighting for our specific way of teaching.

We are teachers able to teach and to fight for our curriculum and matrices that innovate and educates. An innovative education that transforms through school, nature, life, territory, and ancestry. A teaching of life and culture. A living instruction that not only learns from writing in paper. Indigenous school education does not have to follow the guidelines of standard education. Our school has a great potential and an immense amount of knowledge.

That is why, dear Ms. Linda Smith, I chose this title and research study: "Education of Life for School, a Muã Mimatxi Specific Education". I chose it because it allows me to talk today with autonomy about an education that was neither valued nor recognized in my childhood, and today I can see my village carrying forward the education that innovates

and transforms. An education that unleashes the nodes of a colonizing education for a long time.

Letter from Txioiana Pataxoop to Linda Smith,
May 17th, 2023.

Caderno de Leituras n. 169 | 2023

Carta a Linda Smith
Letter to Linda Smith
Txioiana Minxux

Edição *Editing*
Maria Carolina Fenati
Paulo Maia

Tradução *Translation*
Mariana Lage

Preparação de texto *Text Preparation*
Maria Carolina Fenati

Revisão *Proofreading*
Andrea Stahel

Projeto gráfico *Graphic design*
Luísa Rabello, Rita Davis

Imagem da capa *Cover Image*
Surgimento do Povo Pataxoo [têhêy]
Dona Liça Pataxoop, 2019

Coordenação da coleção *Collection coordination*
Luísa Rabello, Maria Carolina Fenati

Composto em Acumin Pro e Georgia
This text was laid out using Acumin Pro and Georgia

ISSN 2764-3301

Edições Chão da Feira
Belo Horizonte, novembro de 2023

Esta e outras publicações da editora estão disponíveis em
This and other works are available at
www.chaodafeira.com